



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGÊS**

**LILIAN VALÉRIA DA SILVA ALVES**

**A REPRESENTAÇÃO DA LEITURA E DOS LEITORES EM QUARTO DE  
DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2023**

**LILIAN VALÉRIA DA SILVA ALVES**

**A REPRESENTAÇÃO DA LEITURA E DOS LEITORES EM QUARTO DE  
DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de Letras e  
Artes da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Licenciatura Plena em Letras Português.

**Orientador:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves

**CAMPINA GRANDE-PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474r Alves, Lilian Valéria da Silva.

A representação da leitura e dos leitores em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus [manuscrito] / Lilian Valeria da Silva Alves. - 2023.

17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Leitura. 2. Leitores. 3. Carolina Maria de Jesus. I. Título

21. ed. CDD 801.95



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

NOME DO ALUNO: LILIAN VALÉRIA DA SILVA ALVES

TÍTULO DO TCC: A representação da leitura e dos leitores em "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", de Carolina Maria de Jesus.

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Aprovado em: 26/06/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Prof.(a) Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Silvana Kelly Gomes de Oliveira

Prof.(a). Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ranieri Machado Bezerra de Mello

Prof. Ranieri Machado Bezerra de Mello  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho,  
Ao meu Deus que até aqui tem me ajudado,  
aos meus avós por todo apoio, amor e carinho  
e ao meu esposo, que sempre me incentivou a  
não desistir dos meus sonhos e objetivos.

Amo vocês

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS .....</b>	<b>9</b>
<b>3. DISCUSSÃO SOBRE LEITURA .....</b>	<b>10</b>
3.1 Concepção de leitura .....	12
3.2 Concepção de Leitor.....	13
<b>4. ANÁLISE DA OBRA .....</b>	<b>14</b>
4.1 Quem é a personagem-narradora de Quarto de despejo: diário de uma favelada?.....	14
4.2 Com a palavra a personagem mulher preta, pobre, periférica, leitora.....	14
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>18</b>

## A REPRESENTAÇÃO DA LEITURA E DOS LEITORES EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Lilian Valéria da Silva Alves<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo intitulado “A representação da leitura e dos leitores em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus” tem como objetivo principal investigar a (s) perspectiva(s) de leitura da personagem-narradora assim como os modos de leitura presentes na obra. Os objetivos específicos são: discutir a relação da personagem-narradora moradora da periferia com a leitura, assim como identificar as concepções, funções e os valores atribuídos à leitura subjacentes ao discurso da personagem; analisar o (s) lugar (es) históricos e culturais ocupado (s) pelos leitores na periferia dos anos de 1950 a partir das vivências e reflexões da personagem narradora. A escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pobre, favelada, catadora de papel, mãe solteira e escritora, nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914, mas na década de 30, em busca de condições melhores mudou-se para Franca, São Paulo, onde trabalhou como lavadeira e, em seguida, como empregada doméstica. Ficou conhecida a partir do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960/2005), mas escreveu outras obras como: *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1965), e *Casa de Alvenaria* (1961); *Diário de Bitita* (1986); *Meu estranho diário* (1996); *Antologia pessoal* (1996); *Onde estaes felicidade?* (2014). A sua voz gerou grande impacto no âmbito das letras, pois através de palavras simples a narradora personagem relata o contexto histórico e cultural dos anos de 1950 de moradores da favela no Brasil, denunciando as desigualdades, injustiças e as péssimas condições de vida dos moradores das favelas no país. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica centrada na leitura e análise do livro. O escopo teórico que norteia a pesquisa aqui realizada é definido por Roger Chartier (1998, 1999, 2001), Magnabosco (2002), Magda Soares (1985), Vygotsky (1998), dentre outros.

**Palavras-chave:** Leitura; Leitores; Quarto de despejo: diário de uma favelada; Carolina Maria de Jesus.

---

<sup>1</sup> \* Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB  
E-mail: lilian.alves@aluno.uepb.edu.br

## ABSTRACT

The article entitled "The representation of reading and readers in *Quarto de despejo: diário de uma favelada*<sup>2</sup> (2014), by Carolina Maria de Jesus" aims to investigate the main character-narrator's perspective(s) on reading, as well as the modes of reading present in the work. The specific objectives are: to discuss the relationship between the character-narrator, a resident of the periphery with the reading, as well as to identify the conceptions, functions, and values attributed to reading underlying the character's discourse; to analyze the historical and cultural place(s) occupied by readers in the periphery during the 1950s, based on the experiences and reflections of the character-narrator. The Brazilian writer Carolina Maria de Jesus, a black woman, poor, slum-dweller, a paper collector, single mother, and writer, was born on March 14, 1914, in Sacramento, Minas Gerais. However, in the 1930s, seeking better conditions, she moved to Franca, São Paulo, where she worked as a laundress and later as a domestic worker. She became known through the book *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960/2005), but she also wrote other works such as *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1965), and *Casa de Alvenaria* (1961); *Diário de Bitita* (1986); *Meu estranho diário* (1996); *Antologia pessoal* (1996); and *Onde estaes felicidade?* (2014). Her voice had a significant impact in the realm of literature, as the narrator character, through simple words, recounts the historical and cultural context of the 1950s for favela residents in Brazil, denouncing the inequalities, injustices, and dire living conditions of favela dwellers in the country. This is a bibliographic research centered on the reading and analysis of the book. The theoretical framework that guides the research conducted here is defined by Roger Chartier (1998, 1999, 2001), Magnabosco (2002), Magda Soares (1985), Vygotsky (1998), among others.

**Keywords:** Reading; Readers; Quarto de despejo: diário de uma favelada; Carolina Maria de Jesus.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar a obra literária *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014) da escritora Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, pobre, favelada, catadora de papel, mãe solteira e escritora, que viveu na favela do Canindé. Ela nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914, mas na década de 30 em busca de condições melhores mudou-se para Franca, São Paulo, onde trabalhou como lavadeira e empregada doméstica.

A exploração e sobrecarga de trabalho, assim como os baixos rendimentos, baixa proteção social e permanência de práticas violentas de discriminação e assédio fizeram com que Carolina deixasse o trabalho doméstico. No ano seguinte, engravidou de um português, que a abandonou. Na época, ninguém dava emprego para mãe solteira e Carolina foi morar na rua. Carolina chegou à favela do Canindé quando o governador paulista Adhemar de Barros mandara recolher todos os mendigos pelas ruas e despejá-los num grande terreno à margem esquerda do rio Tietê.

Apesar de todos os obstáculos vivenciados por Carolina, ela demonstra no livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* um amor pela leitura e escrita, revelado no interesse dela em recolher do lixo livros para ler e no empenho em registrar no seu diário as situações vivenciadas na favela, a realidade dos favelados de Canindé, uma realidade dura e precária:

---

<sup>2</sup> Eviction Room: Diary of a slum-dweller

Aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, p. 11, 2014).

A mulher Carolina aparece na obra sempre crítica em relação à realidade na qual está inserida. Ela fala que escrevia para fugir daquela situação, mas o principal motivo da sua escrita era um dia ser reconhecida e poder oferecer uma vida melhor para os filhos. A escritora, embora com pouco estudo, analisa e denuncia o descaso da sociedade com os mais pobres, por isso, mesmo depois de tantos anos, a sua voz ressoa ainda hoje. Mesmo sua escrita não seguindo os padrões exigidos pela norma padrão, e nisto está a sua potência, é reconhecida atualmente por mostrar o lado da sociedade que esteve, por séculos, invisível para os políticos e para os grupos sociais privilegiados da sociedade.

O impacto que a voz de Carolina tem gerado através das obras que escreveu é estrondoso. Ela não era apenas escritora, era uma leitora consciente, uma pessoa que acreditava que o estudo poderia mudar o mundo. Depois do sucesso do seu primeiro livro, ela saiu da favela do Canindé, debaixo de pedradas e vaias, porque em sua obra citava o nome dos moradores, e muitos passaram a odiá-la. Após a mudança continuou escrevendo, no entanto, não obteve tanto sucesso como ocorreu com a publicação do primeiro livro. Com o dinheiro da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, ela comprou uma casa de alvenaria onde passou a morar com os três filhos.

Com o pouco sucesso de suas obras posteriores ao livro *Quarto de despejo*, a autora começou a cair no esquecimento, chegando a passar fome e morrendo na pobreza em 13 de fevereiro de 1977 na casa de seu filho mais velho em Parelheiros. Depois da sua morte, ela passou a ser lembrada, mas isso levou alguns anos, o seu diário foi traduzido para vários idiomas e passou a ser conhecido em cerca de 40 países. A partir de então, suas obras passaram a ser publicadas e estudadas, mas o reconhecimento que ela tanto esperou em vida não obteve por conta do preconceito por ela ser mulher, negra e semianalfabeta. Apesar disso, os seus escritos permanecem mais atual do que nunca por denunciar o descaso da sociedade com os menos privilegiados.

No presente artigo centramos nossa abordagem na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) e organizamos a discussão em três tópicos: apresentação da escritora; breve discussão sobre leitura; Análise da leitura no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014).

## 2. VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 e morreu em 1977 aos 62 anos de idade. Passa sua infância em Sacramento, interior de Minas Gerais, onde aprendeu a ler cursando até o segundo ano do primário. No tempo em que reside em Minas trabalha na roça com sua mãe e depois se emprega como doméstica. Em 1937, aos 23 anos, muda-se para São Paulo. Trabalha como empregada doméstica habitando em cortiços na região central da cidade. A partir das reformas urbanas da década de 1940, Carolina muda-se, em 1948, para a favela do Canindé, às margens do rio Tietê (Silva, 2006, p. 9). O trabalho mais exercido por Carolina na cidade de São Paulo foi como catadora de papel, devido ao qual preambulava por vários percursos catando papel para matar sua fome e principalmente a dos seus filhos. Nesse mesmo lixo ela encontrava seus cadernos que utilizou para escrever seus diários.

Em seu diário Carolina escreve sobre as condições de vida precária na favela, os problemas cotidianos e, principalmente, sobre a fome que atinge a todos na periferia onde mora. Ao mesmo tempo, A personagem narradora mostra-se diferente dos demais moradores da favela, por que ela fala aquilo que os moradores não falam por que não sabem ler e nem escrever, coisa que ela sabe. Com essa sua forma diferenciada chamou a atenção do jovem

jornalista Audálio Dantas que esteve na favela para fazer uma reportagem sobre a expansão da favela às margens do Tietê. O jornalista resolveu ajudá-la compilando seus diários e fazendo a publicação em 1960. Foi vendido dez mil exemplares na primeira semana, chegando a cem mil exemplares em seis meses. Com isso, ela comprou a sonhada casa de alvenaria, seu livro foi traduzido em 13 línguas e comercializado em mais de 40 países. Apesar de ser conhecida pelo livro *Quarto de Despejo*, Carolina tem outras obras publicadas como: *Casa de Alvenaria* que fala sobre sua nova condição social, e *Diário de Bitita* em que fala sobre a sua infância em Minas Gerais.

A obra de Carolina Maria traz hoje visibilidade para uma grande parcela da população brasileira que durante séculos foi silenciada e invisibilizada, homens e mulheres pobres, pretos, sem escolarização. É por isso que é considerada hoje por críticos literários como uma literatura que ultrapassa todos esses limites para lutar a favor de todos que estão na mesma condição de vida das personagens retratadas: “[...] eu classifico São Paulo assim: o Palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2014, p.32). Com isso podemos ver que ela não representa apenas a voz “marginal”, como fala Lopes, ela representa a voz social no local em que vivia, como fala Maria Madalena Magnabosco:

Os diários de Carolina Maria de Jesus podem ser, assim, considerados testemunhos que borram as fronteiras da literalidade ao denunciarem uma outra experiência do sujeito do feminino, a partir das vivências e posições de enunciação da autora, a qual buscou - pelo conteúdo da narrativa e não por sua forma - simboliza o que escapou e continua escapando aos olhares progressistas da modernização, ou seja, as fraturas expostas pela miséria ecológica, econômica e relacional, cruamente expostas na favela de Canindé. (MAGNABOSCO, 2002, p.147)

Coronel (2019, p.460) expõe em *A escrita descentrada*: “Carolina fala como representante dos escravos de sua época, aqueles que habitam a margem pauperizada de um país que está à margem do eixo dominante do poder na era global”. Segundo Carolina, o que escraviza na sua época é a fome, que mata várias pessoas invisíveis da sociedade capitalista. Assim, seus escritos são antes de tudo um testemunho político:

O ponto de estranhamento entre Carolina e os favelados é, sem dúvida, o livro. Escrevê-lo foi a forma que encontrou para tentar romper o fechamento do mundo em que vivia. A esperança que deposita nessa experiência é grande. (VOGT, 1983, p. 2010).

A escrita para Carolina era uma forma de liberdade, que podia ser usada como remédio para curar as feridas existenciais, mas também como veneno que podia machucar aqueles que liam seus escritos, a até mesmo os que são citados no livro, ela usa a escrita como uma ferramenta em seu favor, como ressalta Magnabosco:

No mundo público, a palavra testemunhal vem denunciando a repressão, a invisibilidade feminina, a violência do gênero sexual e tem requisitado uma transformação sobre essas práticas culturais. No plano pessoal, a palavra tem permitido uma cura psicológica pela recuperação e legitimação, a partir do próprio sujeito, das assertivas de sua vida. (MAGNABOSCO, 2002, p. 171).

Carolina foi além das dificuldades e dos preconceitos. A escritora lutou, denunciou, fez da palavra ferramenta de luta contra as dores do preconceito e das duras condições de existência, resultantes das condições gerais de tratamento dos trabalhadores no país, onde quase equivaliam aos “escravos”. Época marcada pela total exclusão dos mais pobres e pela ausência de leis que garantissem assistência mínima aos pobres e os direitos básicos aos trabalhadores.

### 3. DISCUSSÃO SOBRE LEITURA

A leitura é antes de tudo liberdade e subversão, mesmo que esta liberdade não seja total, como diz CHARTIER: “Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta.” (CHARTIER, 1998). Para tanto, é preciso que a leitura seja muito mais do que apenas decifrar palavras, decodificar. É preciso que o sujeito compreenda o que lê e escreve de maneira crítica, assim como Carolina, a pessoa que lê se descobre capaz de transformar a realidade social na qual está inserida a partir de um olhar capaz de enxergar o próprio mundo e o mundo da coletividade.

Para tanto, é preciso entender também que a leitura de todo e qualquer texto engrandece a alma. A leitura de todo e qualquer texto emancipa o sujeito. A leitura deve estar para além da sala de aula e das leituras feitas na escola, é necessário considerar os aspectos linguísticos que os alunos trazem a partir do seu meio sócio-histórico, pois contribui para o imaginário e interpretação leitora desse indivíduo. Segundo (CHARTIER, 1998):

É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e pensar. (CHARTIER, p. 104, 1998).

Para Soares (1995, p. 8 e 9): “ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras, e é também um processo de construção da interpretação de textos escrito.”. Para tanto, é preciso que o leitor esteja comprometido com sua leitura, mantendo um posicionamento crítico sobre o que lê. Quando atende a essa necessidade, o leitor se projeta no texto, levando para dentro dele toda sua vivência pessoal:

É na passagem da decodificação das palavras para a compreensão do que está escrito que está a certificação do leitor ideal, ou seja, aquele que é capaz de compreender – e não de apenas memorizar a mensagem – fazendo uma avaliação e um constante questionamento do que leu. No entanto, esse processo requer condições favoráveis para adequar uma série de fatores, conforme citou a autora na segunda caracterização. O professor mediador da leitura é intérprete de um mundo repleto de aventuras, que permitem o estudante alargar as fronteiras de seu próprio mundo. Com a colaboração do professor – agente transformador – o aluno descobre que a leitura lhe permite viver experiências, sentimentos de alegria, de tristeza, de medo, de angústia e de encantamento, como também lhe proporciona construir conhecimentos mais elaborado e significativo da realidade, desde que adote uma prática metódica e crítica para o ato de ler. (PICANÇO, 2009, p. 1).

É preciso educar os sujeitos para que sejam capazes de ler criticamente o mundo a sua volta como defende Freire:

[...] educar é construir, é libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades. É um ‘ensinar a pensar certo’ com quem ‘fala com a força do testemunho’. É um ‘ato comunicante, co-participado’, de modo algum produto de uma mente ‘burocratizada’. No entanto, toda a curiosidade de saber exige uma reflexão crítica e prática, de modo que o próprio discurso teórico terá de ser aliado à sua aplicação prática. (FREIRE, 1996, p. 52).

A leitura para Paulo Freire consiste em uma retomada da realidade com um aguçado olhar em busca de mudanças, tendo em vista que nosso mundo hodierno é marcado pelo abismo da desigualdade. E isso a escritora Maria Carolina de Jesus faz em seus livros. A prática social impulsiona e está presente no ato de ler:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura

crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2003, p. 11).

A leitura expande sua definição à medida que a mesma se torna uma ferramenta imprescindível para a posição do ser diante da realidade social que o cerca.

### 3.1 Concepção de leitura

A história da leitura nem sempre trilhou um caminho homogêneo em sua aplicação e compreensão. As possibilidades de leitura nem sempre foram abertas a todos os públicos, durante muitos séculos, a leitura esteve sempre inserida dentro das classes sociais mais elevadas e a plebe não tinha acesso aos livros. No Brasil até o século XIX a leitura foi uma atividade da e para a burguesia. Assim, as leituras que estavam no meio burguês deveriam reafirmar os direitos, as concepções burguesas.

A princípio, o objeto de investigação eram as unidades isoladas da língua, como os fonemas, os sons, as palavras, as frases; com o desenvolvimento das pesquisas das ciências da linguagem, enfocando aqui todas as vertentes que surgiram a partir da Linguística, como a Psicolinguística, o Gerativismo, a Sociolinguística, a Pragmática, a Linguística Aplicada, a Análise do Discurso, a Linguística Textual, para citar algumas, o foco foi alterando-se até chegar à concepção principal de texto como unidade comunicativa e às condições sócio-históricas-ideológicas em que o texto é produzido, proposta em voga na atualidade como característica principal do conceito de leitura difundido nas escolas brasileiras (MENEGASSI e ANGELO, 2005, p.15).

De acordo com a visão estruturalista, a leitura é vista como um processo de decodificação (o código pelo código). Não leva em consideração o contexto histórico no qual o texto foi escrito, muito menos—é quase desnecessário dizê-lo—o contexto histórico no qual o leitor está inserido. Dentro deste conceito basta que o leitor saiba reconhecer o código escrito e consiga transmiti-lo para o código oral. Nesta perspectiva, o texto oferece seu próprio sentido; essa concepção de leitura também é denominada ascendente. Além desse conceito, surge a ideia de leitura a partir do conhecimento lexical do leitor. Nessa concepção, o essencial era conhecer as palavras e guardá-las na memória para usá-las durante a compreensão do texto. A leitura é concebida como uma extração de sentidos que se encontram no texto, num trabalho de decodificação sonora da palavra escrita. Nessa perspectiva, cada palavra do texto é importante, ao leitor cabe ser um receptor passivo dessas informações, pois o texto em si já diz tudo.

Posteriormente, com os avanços das teorias linguísticas, surgem as teorias da linguística gerativista - uma vertente da linguística conhecida como Gerativismo ou Transformacionalíssimo- “(...) que pregava o conceito de geração de palavras, frases e sentenças pelos indivíduos falantes de uma língua a partir de mecanismo específicos de aquisição da linguagem (...)” (MENEGASSI e ANGELO, 2005, p.16). Nesse caso, o conceito de leitura volta-se para a análise do nível das sentenças e do contexto linguístico em que surge a sentença.

Mesmo com todos esses estudos, as concepções de língua, linguagem, leitura e escrita precisavam ser reformuladas e aperfeiçoadas. Com isso surge a linguística pragmática que, dentre outras mudanças, mostra que a leitura é um processo de interação que ocorre entre o leitor e o texto. Tal perspectiva teve uma grande influência nos estudos atuais sobre a linguagem. Mas como todos estudos têm suas limitações, a linguística Pragmática não avançou muito, surgindo então a necessidade de novos estudos.

Diante desse fato surge o estudo da Análise do Discurso, em que não vai analisar apenas uma leitura centrada no autor, ela passa a levar em consideração o momento sócio-histórico de leitura. “Nessa perspectiva o texto sozinho não faz sentido, ele precisa de um leitor, que tem uma história de vida, que vive em uma determinada camada da sociedade, que

tem crenças e culturas, as quais são trazidas para o texto no momento da leitura (...) (MENEGASSI E ANGELO, 2005, p.17). Com isso, o leitor passa a ter suas impressões textuais através do conhecimento de mundo.

A formação do leitor começa em seu meio social, como a família, escola, grupos de amigos, meios tecnológicos, são grandes influenciadores para o desenvolvimento do leitor, mesmo que a família não tenha um nível maior de escolarização, ela incentiva os filhos (as) para irem à escola, e com isso a escola desenvolve o seu papel de formação de leitores: “A leitura significa o estabelecimento de elos com as manifestações culturais distantes do tempo e no espaço e, conseqüentemente, a possibilidade de diálogo do leitor com os outros homens, levando-o a compreender melhor o presente e seu papel como sujeito histórico” (AGUIAR, 2013, p. 156).

A literatura tem o papel de aflorar o imaginário do leitor por meio de suas leituras seja do tempo presente, quanto do tempo passado, possibilitando assim, o diálogo com outro homens com seus diversos pensamentos, a leitura não só aflora o imaginário do leitor, mas também possibilita que o leitor tenha aproximação com outras pessoas que partilhem ou não dos mesmos conhecimentos, segundo (DALVI, 2013, p.56) “A qualidade da mediação entre o leitor em seu primeiros ensaios com a matéria literária constitui-se, assim, aspecto fundamental a ser considerado ao longo do processo”.

### 3.2 Concepção de Leitor

A concepção acerca do leitor ainda é muito reduzida no meio social, pois acredita-se que só é leitor aquele que lê o que está escrito.

O incentivo da leitura é a parte fundamental para a criação e o desenvolvimentos de leitores, e esse incentivo tem que vir desde a infância, quando a criança já compreende a leitura, pois o Brasil por maior que seja tem um índice muito alto de analfabetos funcionais, que sabem ler mais não sabem interpretar o que leem por não conseguirem desenvolver o seu imaginário que vem através da leitura, segundo os dados Indicadores do Alfabetismo Funcional (INAF): “Sete em cada dez que cursaram apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental permanecem na condição de analfabetismo funcional e 21% chegam apenas ao nível elementar. É interessante observar que 9% dos brasileiros e das brasileiras entre 15 e 64 anos que concluíram os quatro primeiros anos do Fundamental têm alfabetismo consolidado, apesar da pouca escolaridade.”

A estudiosa em alfabetização Isabel Solé (1998) cita algumas características do bom leitor, ou nas palavras dela do “leitor especialista”: é aquele sujeito que aprende a partir dos textos, que é capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, faz relações entre o que lê e o que faz parte do seu conhecimento de mundo, é capaz de questionar seus conhecimentos e assim modificá-los, é o sujeito que transfere o que aprendeu com a leitura para qualquer contexto.

Segundo autores sociointeracionistas como Vygotsky, os leitores são capazes de dar sentido ao que foi lido, e cada leitor apresentará uma leitura particular, uma vez, que cada leitor possui conhecimentos e experiências únicas, pois o mundo não se configura da mesma forma para todos, sendo assim, deve-se mediar o aluno para que ele “mergulhe no universo literário”.

Para Vygotsky (1998), a leitura e a escrita não são elementos inatos do sujeito. Sua aquisição depende das práticas sociais e culturais nas quais a mesma está inserida. A compreensão da leitura e da escrita não se dá de forma isolada, não é algo trazido em seus aspectos biológicos, mas construído em suas relações sociais, em sua relação com o(s) outro/

outros e com os conhecimentos. É, pois, na troca de experiências que se possibilita a aprendizagem e a aquisição da escrita, o acesso ao mundo simbólico.

## 4. ANÁLISE DA OBRA

### 4.1 Quem é a personagem-narradora de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*?

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) traz por meio de recortes diários, divididos por dia, mês e ano, o cotidiano de uma mãe solteira que reside com seus três filhos na favela do Canindé. Nesse diário, Carolina Maria de Jesus narra como conseguiu sobreviver com seus três filhos, catando papel, lixo e metal na grande cidade de São Paulo em decorrência da falta de oportunidade, pouca leitura, além de ser mulher e negra.

Carolina mostra como a vida é dura para o pobre, e que mais dura ainda é a fome, que está presente em seu diário constantemente, pois é contra ela que a personagem luta diariamente, pois além de saciar sua fome, ela precisa saciar a fome dos seus filhos, pois sofria ao ver seus filhos pedindo alimento que ela não tinha para dar: “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: 'Tem mais?' Esta pergunta 'tem mais' fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais”. Assim, ela trabalhava muito para poder alimentar os filhos, recebia doações, ia em busca de restos de comida na feira, e em último caso pegava do lixo, apesar de não gostar que suas crianças comessem alimentos do lixo.

A narradora-personagem aborda também acerca da falta de estrutura da favela e denuncia o descaso dos políticos; as brigas ocorridas entre vizinhos; a violência doméstica quando mães e pais espancam seus filhos e homens batem e chegam a matar suas mulheres; abuso sexual contra crianças e jovens; gravidez na adolescência; abandono do lar pelos pais, dentre outros problemas vivenciados cotidianamente na realidade onde vive.

### 4.2 Com a palavra a personagem mulher preta, pobre, periférica, leitora

A leitura é algo que está sempre presente no cotidiano da narradora-personagem. Ela lê para acalmar a alma, antes de dormir, para relaxar, quando está chovendo e não pode sair para procurar recicláveis, para preencher espaços vazios e acalmar a fome: “O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para ler”, “[...] Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2014, p. 12 e 24). Além disso, é por meio da leitura que ela se informa: “Fui comprar carne, pão e sabão. Parei na banca de jornais. Li que uma senhora e três filhos haviam suicidado por encontrar dificuldade de viver”. (JESUS, 2014, p. 62).

Para Carolina, a leitura é fundamental e tem que estar presente não apenas em sua vida mais na dos seus filhos, que ela sempre está incentivando para estudar, para ter conhecimento e ter uma vida melhor.

A leitura e a literatura estão para além das linhas escritas, a leitura envolve diversos fatores, culturais, sociais, intelectuais. Segundo Marcia Abreu, “a literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política”, podemos ver essa afirmação presente no diário de Carolina Maria de Jesus quando ela diz “[...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome é professora [...]” (JESUS, 2014, p. 29). É possível perceber também que a leitura assim como a leitor/leitora está marcada(o) por representações. Durante séculos o leitor era representado em obras literárias, pinturas por pessoas brancas e das classes privilegiadas. Já a leitura era considerada uma atividade de deleite, desligada do cotidiano real e social. Em *Quarto de despejo*, observamos uma estranheza da sociedade da época de ver uma mulher preta e periférica gostar de livros: “Nunca vi uma preta gostar tanto de livro

como você” (JESUS, 2014, p.26). A escritora Carolina Maria, assim como a narradora-personagem, mostra que ser leitor não é privilégio apenas das pessoas brancas, ricas e privilegiadas, mas que ela ocupa o espaço como leitora fora dos estereótipos tradicionais de classe, raça e gênero. A leitura ocupa o centro na vida dela:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com o lápis e papel debaixo do travesseiro. (JESUS, 2014, p. 49).

Apesar da personagem gostar do Senhor Manuel, os livros são mais importantes na sua vida do que o relacionamento amoroso. Para a personagem, o homem não pode compreender a paixão dela pelos livros e o quanto eles são fundamentais em sua vida. Ela sabe que na sociedade patriarcal, a leitura nunca foi uma atividade para as mulheres, ao contrário, durante muito tempo foi proibida às mulheres. Carolina não abre mão das suas leituras e escritas por homem algum, ela preza por sua liberdade e faz questão de dizer que é mãe solteira e que cria os filhos sozinha: “Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo” (JESUS, 2014, p. 25). A narradora tem um ideal, ler e escrever. Nada que ameace sua relação com a leitura e a escrita tem lugar em sua vida, como diz Viana:

[...] a autora nos oferece uma surpreendente demonstração de lucidez e entendimento da ameaça que a escrita da mulher pode representar [...] Em outros termos, Carolina M. de Jesus reconhece que deve ser difícil para o homem ver-se preterido em favor de outro desejo e de outro prazer que não ancore nele (VIANA, 1995, p. 69).

Os moradores da favela percebem em Carolina um distanciamento, porque ela é uma favelada que lê e escreve. Segundo a personagem, as pessoas da favela dizem que ela quer ser muita coisa, porque ela não emprega seu dinheiro em bebida alcoólica, ela prefere cuidar dos filhos e empregar seu dinheiro em livro: “eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar meu dinheiro em livro do que em álcool”. (JESUS, 2014, p. 74). Vemos que para a personagem-narradora a leitura ocupa o lugar principal, ela se preocupa com os seus livros, como guardá-los: “eu ganhei umas tabuas e vou fazer um quartinho para eu escrever e guardar os meus livros”. (JESUS, 2014, p. 86). O que os vizinhos falam não lhe afeta, pois ela sabe que tem diferenças entre eles. Para Carolina, a leitura é a válvula de escape da realidade que precisa enfrentar diariamente. Sua imaginação e seus sonhos são recriações do espaço em que ela vive, de maneira sensível e crítica:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de critais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2014, p. 37).

O que a leitora Carolina de Jesus se interessa em ler? Ela lê sobre tudo que chega até suas mãos: “Hoje eu estou lendo. E li o crime do Deputado de Recife, Nei Maranhão. (...) li o jornal para as mulheres da favela ouvir” (JESUS, 2014, p. 60). A leitura para essa mulher atuante não é só distração, deleite, prazer. Pelo contrário, é por meio da leitura que ela conhece e compreende o mundo a sua volta. Além disso, ela se torna uma mulher afrente da realidade em que ela está inserida, pois é uma mulher negra, favelada, mas que é letrada. E apesar dos vizinhos a maltratarem, quando precisam, recorrem a ela seja para uma leitura de jornal, seja para resolver algum problema na favela. A leitora-narradora também busca refúgio e esperança na leitura da Bíblia: “Para animá-la eu disse-lhe que havia lido na Bíblia que Deus disse que vai concertar o mundo”. (JESUS, 2014, p. 140). O mais interessante é que mesmo a partir do texto bíblico ela estabelece uma interrelação com a realidade de maneira crítica:

Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalém: - “Não chores por mim. Chora por vós” – suas palavras profetizava o governo do Senhor Juscelino. Penado de

agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. (JESUS, 2014, p. 134).

Assim, percebemos que a Carolina ler tudo a sua volta: reportagens, notícias, contos, textos bíblicos e tudo que alimenta a sua inspiração para escrever: “Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e eu contemplo as flores de todas as qualidades” (JESUS, 2014, p. 58). “É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela” (JESUS, 2014, p. 58). Mesmo com as dificuldades enfrentadas, ela se entregava as leituras para reconstruir a si mesma através da imaginação e ter esperança em dias melhores. Segundo Michèle Petit é isso que a leitura proporciona:

Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros. (PETIT, 2011, p. 266).

Nos comentários sobre suas leituras, a personagem narradora estabelece relações com a realidade que vive. Barthes, em “Escrever a leitura”, fala poeticamente sobre o ato de ler: “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?” (BARTHES, 2004, p. 26). É por esse motivo que Carolina ama seus livros e suas leituras, pois elas vão para além das linhas, elas possibilitam um olhar alargado acerca do real e do imaginário.

Na literatura podemos identificar diversas histórias fictícias, criadas a partir de contextos históricos, inspirações através de histórias contadas, mas no livro de Carolina deparamo-nos com a realidade testemunhal, como diz Gonçalves (2014, p. 26): “é uma escrita que possui agência, que a transforma em personagem da sua própria vida-escrita: ela constrói sua escritura como máquina de guerra, modo de produzir simultaneamente uma fala subjetiva e uma voz situada em sua condição social”. Talvez por isso o livro seja marcado por diversos questionamentos político-sociais, além das denúncias apresentadas pela autora como ressalta Maria Madalena Magnabosco:

Os diários de Carolina Maria de Jesus podem ser, assim, considerados testemunhos que borram as fronteiras da literariedade ao denunciarem uma outra experiência do sujeito do feminino, a partir das vivências e posições de enunciações da autora, a qual buscou – pelo conteúdo da narrativa e não por sua forma – simbolizar o que escapou e continua escapando aos olhares progressistas da modernização, ou seja, as fraturas expostas pela miséria ecológica, econômica, emocional e relacional, cruamente expostas na favela de Canindé”. (MAGNABOSCO, 2002, p. 147).

Carolina como personagem – narradora é uma leitora/escritora que ocupa um lugar de fala dentro do sistema político de sua época, denunciando a desigualdade social dentro da cidade mais rica do país: “Duro é o pão que nós comemos. “Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro, que são os arranha-céus. Que vestes viludo e seda e calça meias de algodão [...]” (JESUS, 2014, p. 41).

A narradora pensava até em ser homem quando criança, para que tivesse um lugar na história do Brasil, isso nos mostra uma visão crítica em relação à situação da mulher na sociedade patriarcalista:

...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil, porque eu lia na historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:  
- Porque a senhora não faz eu virar homem:

Ela dizia:

- Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. (JESUS, 1993, p. 48).

A fome, a miséria, a falta de moradia, a falta de saneamento básico são as matérias abordadas por Carolina de Jesus, problemas presentes na vida da personagem-narradora e que permanecem ainda hoje na realidade das pessoas pobres no Brasil: “[...] A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele de cantar. Mas a fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago.” (JESUS, 2014, p. 44). “Comida no estomago é como combustível nas máquinas.” (JESUS, 2014, p. 44). Os dias se tornam piores quando está chovendo porque não tem como ela sair para catar reciclagem: “Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo.” (JESUS, 2014, p. 41). E apesar das eleições, a narradora não consegue ver mudança para os pobres favelados e operários. “... De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem matriz nas favelas e as sucursais nos lares dos operários.” (JESUS, 2014, p. 40).

No livro *A importância do ato de ler* (2003), Paulo Freire aponta como a leitura é responsável por contribuir significativamente na formação do indivíduo, conduzindo-o a observar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, expandindo e diversificando sua visão e interpretação do mundo, com relação à vida e a si mesmo. É isto que constatamos na obra de Carolina Maria de Jesus. A personagem narradora é capaz de conhecer de maneira profunda a realidade com olhar atento e buscar por mudanças, denunciando as consequências geradas com a desigualdade social na principal cidade do país em termos econômicos e sociais. Assim, a leitura, ao mesmo tempo em que a faz enxergar, é a ferramenta de luta.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos explicar a representação dos leitores e da leitura na obra de Carolina Maria de Jesus, a partir dessa análise observar-se que a leitura é muito mais que apenas decodificar, a leitura está para além das letras e linhas, a leitura está interligada com o cotidiano do leitor, que precisa compreender o que lê, interligando com outras leituras e experiências de vida, levando-o a ter um posicionamento crítico sobre o que está sendo lido e sobre a realidade onde vive.

Ao final dessa pesquisa, compreende-se que não é só o código pelo código, ler como pretexto, que só o texto importa, mais que a formação do leitor começa em seu meio social, que as suas vivências e realidades contam ao ler. É perceptível isso na vida da personagem – narradora, que apesar do seu pouco estudo, a leitura social é de grande valia para o seu desenvolvimento de leitura e escrita, pois o texto sozinho não tem sentido, ele precisa do leitor, para que seja compreendido, analisado, estudado e interpretado a partir da análise crítica do leitor. Sendo assim, é necessário que as instituições de ensino se empenhem na busca pela mudança da concepção do que é leitura, que antes consistia em apenas decodificar, mas que agora considera a compreensão do que se lê e dá vida ao texto através das experiências pessoais.

Diante disso essa pesquisa contribui com uma melhor visão das práticas de leitura e letramento, com os alunos em sala de aula, mostrando que o leitor precisa da leitura assim como a leitura precisa do leitor para lhe dar vida, e que os conhecimentos sociais auxiliam para uma melhor compreensão do texto seja ele escrito ou não. Para que tal mudança ocorra o professor precisa despertar em seus alunos o senso crítico através de suas próprias experiências.

Por fim espera-se que essa análise sobre concepção de leitura e leitores com base na obra de *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, colabore, ainda que de forma inicial, para despertar os estudiosos do ensino de língua e literatura para a discussão do referido

problema, incentivando o desenvolvimento e a formação de leitores que compreendam o que está sendo lido, e possam dialogar com o tempo, o espaço e a cultura seja ela local, ou mundial, para que assim os leitores tornem-se protagonistas das próprias leituras.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Andressa Marinho; FONSECA, José Francisco Nunes. **EDIÇÃO E PERIFERIA: OS PROCESSOS EDITORIAIS DE AUTORES MARGINAIS—O CASO DE CAROLINA MARIA DE JESUS**. Revista de Divulgação Científica em Letras, v. 1, n. 1, 2022.

BARTHES, Roland. **Escrever a leitura**. In: O Rumor da Língua. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 2004.

CORONEL, Luciana Paiva. **A escrita descentrada de Carolina Maria de Jesus**. Letras de Hoje, v. 54, n. 4, p. 459-465, 2019.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. 1ª reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

DALVI, M. A. **Literatura na escola**: propostas didático-metodológicas. In: Maria Amélia Dalvi; Neide Luzia de Rezende; Rita Jover-Faleiros. (Org.). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 67-98.

DOS SANTOS, Maricélia Nunes; DE SOUZA, Wagner. **Quarto de despejo—Manifestação do discurso feminino na literatura brasileira**. Travessias, v. 5, n. 2, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de Ler**: em três artigos que se completam. 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Um mundo feito de papel**: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). **Horizontes Antropológicos**, v. 20, p. 21-47, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 2014.

LOPES, Elisângela Aparecida. **A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus**: uma análise do seu Quarto de despejo. org.) DUARTE, Constancia Lima; DUARTE, Eduardo de Assis, p. 171-177, 2017.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus**: um estudo sobre gênero. Tese. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MENEGASSI, R. J. P. **Avaliação de leitura**. In: \_\_\_\_\_. (Org). Leitura e ensino. Maringá: Eduem, 2005. p. 99-118. \_\_\_\_\_. ANGELO, C. M. P. Conceitos de leitura. In: MENEGASSI, R. J. (Org). Leitura e ensino. Maringá: Eduem, 2005. p. 15-40.

PICANÇO, Zilda Ferreira. **A Importância da leitura e sua aplicação no ambiente escolar da Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei\\_a.php?t=002](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=002) Acesso em: 02maio. 2023.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SOARES, Magda Becker. **Língua escrita, sociedade e cultura**; relações, dimensões e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED. n. 10. Set/Out/Nov./Dez. 1995.

SOLÉ, ISABEL. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Penso, 1998.

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine**: memórias de mulheres. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995.

VOGT, Carlos. “**Trabalho, pobreza e trabalho intelectual** (*O quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus)”. In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 204-213.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: M. Fontes, 1998.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois se não fosse por ele não estaria aqui, por ter me concedido o dom da vida, e ter me dado forças para lutar até o fim pelos meus sonhos e objetivos, a ele toda a glória e todo louvor.

Aos meus amados avós, que me apoiaram, incentivaram e me educaram. Tudo o que sou devo a vocês que nunca desistiram de mim, e sempre acreditaram em meus sonhos, por terem me criado com tanto amor e carinho. A minha mãe que me deu o privilégio de vir a esse mundo, por todo seu carinho, todos os seus esforços para cuidar dos seus filhos, por abrir mão de muitas coisas para nos ver felizes.

Agradeço ao amor da minha vida, meu esposo, que me incentivou e apoiou antes mesmo de casarmos. Por todo seu amor e carinho, por sua dedicação e compreensão quando eu precisei abrir mão dos nossos momentos para estudar, agradeço por me fazer feliz e me entender quando ninguém mais entende.

Agradeço aos meus irmãos que sempre estiveram na torcida por mim, se alegrando e se orgulhando de mim, sou feliz em ter vocês como irmãos.

Aos meus amigos que sempre tiveram ao meu lado, torcendo por mim, se alegrando com minhas conquistas e também me apoiando em meus fracassos, de forma especial agradeço a minha amiga (irmã) Hadassa que me incentivou a fazer essa graduação, juntamente com sua mãe Hozábia que acreditou, e investiu em mim, amo vocês. Agradeço aos meus colegas de curso que fazem parte dessa jornada, vocês são especiais.

Minha enorme gratidão a minha orientadora Ana Lúcia, por toda sua dedicação comigo, por sua paciência, carinho, apoio, incentivo para que eu pudesse dar o meu melhor, e por me ajudar a chegar ao final dessa jornada.

Aos meus professores tanto da minha formação escolar quanto acadêmica, vocês contribuíram para que hoje eu estivesse vivendo esse momento, sem os ensinamentos de cada um, não seria possível chegar ao final dessa jornada, meu muito obrigada a todos vocês.

A minha família de modo geral, que acreditaram e cuidaram tão bem de mim nessa jornada, vocês são incríveis.

A Deus toda glória.

Minha imensa gratidão a todos!